



## **Análise da Expressão dos Valores Dominantes na Jornada do Super-Heroi de Quadrinhos Homem-Aranha<sup>1</sup>**

Jean Machado SENHORINHO<sup>2</sup>  
Juliana PETERMANN<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

As histórias em quadrinhos criaram mitos: os super-heróis. Estes personagens míticos são a representação do bem e da liberdade, o que cativou o público. Porém, até os seres superpoderosos estão expostos a suas próprias limitações e aos valores axiológicos. Segundo Viana (2005,p.42), axiologia é “o padrão de valores dominantes em nossa sociedade, os valores burgueses”. O Homem-Aranha ou Peter Parker é um super-herói e jovem estudante dos quadrinhos que vive os conflitos e contradições do sistema capitalista. Procura-se compreender a relação do Homem-Aranha com o capitalismo e a reflexão que os leitores podem fazer a respeito. O método está estruturado na crítica de Dorfman e Mattelart (1978).

**Palavras-chave:** axiologia; homem-aranha; mitos; super-herói; quadrinhos.

### **Introdução**

O potencial das histórias em quadrinhos (HQs) foi subestimado pelos estudiosos desde quando emergiram estas publicações. Não há consenso quanto ao marco inicial dos quadrinhos, mas é usual considerar *The Yellow Kid* (1895) o princípio, devido, segundo Marny (1970,p.19), à “primeira aparição do verdadeiro *balão*”. Os quadrinhos eram considerados um passatempo despido de qualidades intelectuais, portanto, inimigo das artes sacralizadas e nocivo para a formação humana. Contudo, os conhecimentos acadêmicos tornaram-se mais amplos no decorrer das décadas e incluíram a HQ no bojo das pesquisas de comunicação de massa.

A arte sequencial, conforme o conceito do ilustre quadrinista, Eisner (2010, p.9), é “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSM. Bolsista do PET Comunicação da mesma universidade. Email: [jeansenhorinho@yahoo.com.br](mailto:jeansenhorinho@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria. Tutora do PET Comunicação da mesma universidade. Email: [jupetermann@yahoo.com.br](mailto:jupetermann@yahoo.com.br)



palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”. O conteúdo visual e os argumentos das HQs cativa o público, principalmente as crianças e os jovens.

A presença de imagens torna a apreensão do texto menos cansativa, ao mesmo tempo em que oferece outra perspectiva de leitura. A combinação do desenho e da palavra cria uma linguagem única; que é bastante oportuna para pesquisa. Entretanto, este artigo não se concentra no âmbito da linguística, porque, além da oportunidade de analisar os aspectos linguísticos dos quadrinhos, há também um vasto campo de estudo no que concerne aos elementos culturais e sociais presentes nas publicações.

Os meios de comunicação estão amalgamados à dinâmica social e cultural, isto é, são difusores de mensagens que influenciam o público, mas também são alimentadas por informações advindas da sociedade. A relação tão intensa trouxe questionamentos sobre o alcance do poder manipulador das mídias, bem como a possibilidade de reflexão e resposta dos receptores. Mas para aprofundar a questão, precisa-se compreender que o processo de comunicação está inserido no sistema capitalista.

Os valores axiológicos — individualismo, a competição e a busca do lucro a qualquer custo —, relegam para o segundo plano, quando não dirimem, as manifestações das desigualdades socioeconômicas.

Compreendem-se, pela ótica de Viana (2005), os valores do capitalismo como axiológicos, ou seja, correspondentes ao padrão dominante. A popularidade mitológica dos super-heróis, originados nos quadrinhos provenientes do país símbolo do capitalismo — os Estados Unidos da América —, sinaliza a representatividade de tais personagens para a análise das contradições inseridas nas mídias hegemônicas.

O super-herói é agente da jornada sagrada de defender os fracos e oprimidos. Assim, forma-se o grande nó: o personagem que luta contra a opressão participa do sistema opressor. No entanto, reduzir a sua participação a mera ferramenta de confirmação da lógica dominante simplifica demais a questão.

Consoante Luyten(1991,p.18), os leitores “se identificam com os personagens que retratam situações vividas no dia-a-dia ou revelam anseios e sonhos escapistas”. Para o leitor se identificar com o super-herói, precisa enxergar ali um sujeito contraditório por detrás da aura messiânica. Em outras palavras, o super-herói é vítima do sistema, assim como o público. Na condição de refém, o comportamento pode remeter ao conformismo, mas também implicar no surgimento de questionamentos.

A história do super-herói denominado Homem-Aranha contempla — de maneira acentuada — as tensões cotidianas que um indivíduo enfrenta na sociedade capitalista.



Utiliza-se a origem do super-herói como eixo, porque o processo de surgimento do Homem-Aranha explica a essência da sua contradição. O personagem, símbolo de liberdade, salva as pessoas, mas também precisa estudar “para ser alguém na vida” e juntar dinheiro, a fim de satisfazer as suas necessidades e ambições. Portanto, mediante a análise da jornada do personagem, o artigo propõe evidenciar e refletir a respeito da expressão e autocrítica da axiologia contida na HQ.

### **Metodologia**

O estudo parte da HQ *Mitos Marvel* (2009) —de Paul Jenkins e Paolo Rivera—, onde encontra-se a adaptação da primeira aparição do Homem-Aranha<sup>4</sup>. A base da análise está centrada na história do surgimento do Homem-Aranha, mas também há exemplos decorrentes de outras aventuras. Utilizam-se, para fins de ilustração, alguns quadros que compõem a publicação.

Todavia, a abundância das HQs sobre “o Aranha” impede o total mapeamento da sua saga. A limitação do estudo condiz com a impossibilidade de contemplar todas as superaventuras do personagem. O site da Marvel Comics<sup>5</sup> — editora responsável pelas HQs do Homem-Aranha e outros superpoderosos — traz 2611 *Comic Books* relacionados ao “Amigão da Vizinhança” (um dos vários codinomes do super-herói).

O aporte teórico-metodológico para efetuar a investigação compreende o trabalho dos críticos Dorfman e Mattelart (1978) e Viana (2005). O método crítico permite o aprofundamento e indagação mais apropriadas ao objetivo do trabalho, isto é, revelar as contradições encaradas pelo Homem-Aranha frente ao sistema capitalista. Sem, no entanto, perder de foco a HQ como um meio de comunicação de massa.

### **O garoto por detrás da máscara**

Neste momento do artigo procura-se analisar quais estratégias são utilizadas para criar a identificação do leitor com o personagem, um dos fatores cruciais de arrebatamento. Isto porque a história do aluno de ensino médio, Peter Parker, — que adquiriu os poderes de um aracnídeo — cativa milhares de jovens, porque eles enxergam os seus dilemas na trajetória do garoto. Peter é o *nerd* da turma e uma vítima de *bullying*.

Peter é um órfão criado por seus tios Benjamin (Ben) e May Parker na cidade de

---

<sup>4</sup> *Amazing Fantasy* 15, de agosto de 1962, de Stan Lee e Steve Ditko.

<sup>5</sup> Segundo Viana (2005), *Comics* (ou *Comic Trips*) equivale às histórias em quadrinhos nos Estados Unidos. A tradução da palavra remete a “cômicos” ou ideia de humor, porque os quadrinhos, inicialmente, eram humorísticos. A expressão ficou tão associada aos quadrinhos que virou termo sinônimo.

Forrest Hills, Queens, cidade de Nova York. Crescido em uma típica família de classe média, possui limitações financeiras. As suas frustrações na escola fornecem os principais clichês da história. Ele tem bom desempenho escolar, mas nenhum talento esportivo e com relacionamentos. “Os complexos fizeram de ‘Spidey’, diminutivo de que se servem os seus admiradores para o designarem, um dos favoritos dos estudantes americanos” .(MARNY, 1970, p.160).

Marny (1970, p.160) também descreve Peter Parker como “paradoxalmente um anti-herói”, ao considerá-lo “complexado e tímido”. Ele aparenta não possuir certas características heróicas: coragem, carisma e confiança.

Por acaso ou graças a sua curiosidade, Peter recebe a picada de uma aranha contaminada com radiação em uma feira de ciências. Após o evento, o jovem descobre que porta os poderes proporcionais a um aracnídeo gigante. Nasce o Homem-Aranha: o alter ego capaz de manifestar as características adormecidas em Peter Parker. O personagem vive duas vidas no espaço de uma, o que exige um grande sacrifício. Os estudos do adolescente promissor devem continuar para proporcionar a sua ascensão social e financeira, mas os criminosos também precisam ser combatidos.

O super-herói está regido por duas forças opostas: a subversiva e repressiva. A subversiva remete à jornada de transposição dos limites do sistema: “A jornada [...] na qual o indivíduo vai trazer à tona algo que, em sua vida, jamais fora contemplado”. (CAMPBELL, 2003, p.109). A força repressiva compreende o poder do sistema capitalista que pressiona para a aceitação dos valores axiológicos: “A tendência que se verifica na maior parte dos casos é para um alinhamento segundo as normas sociais”. (MARNY, 1970, p.128). A figura a seguir demonstra a situação escolar vivenciada por Peter Parker, que é a causadora dos seus complexos.

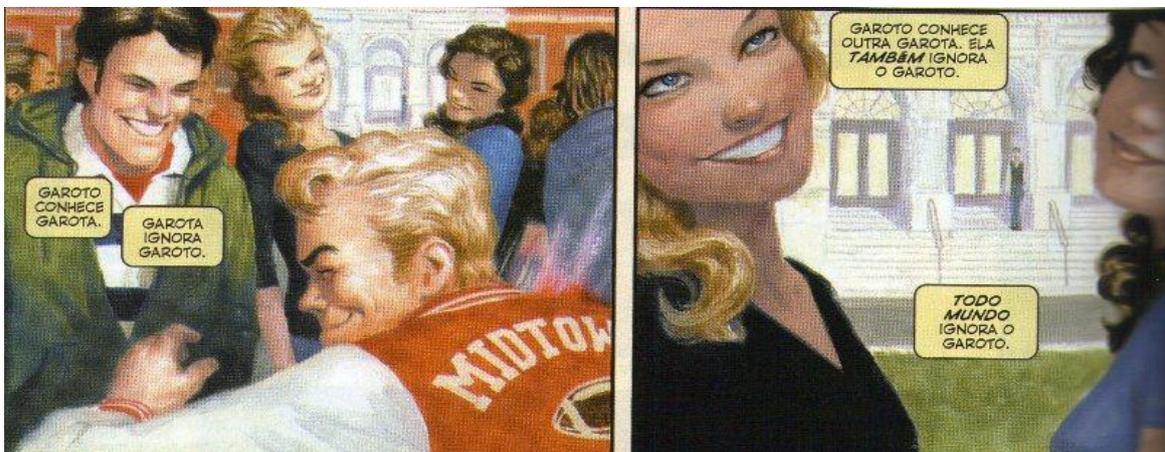
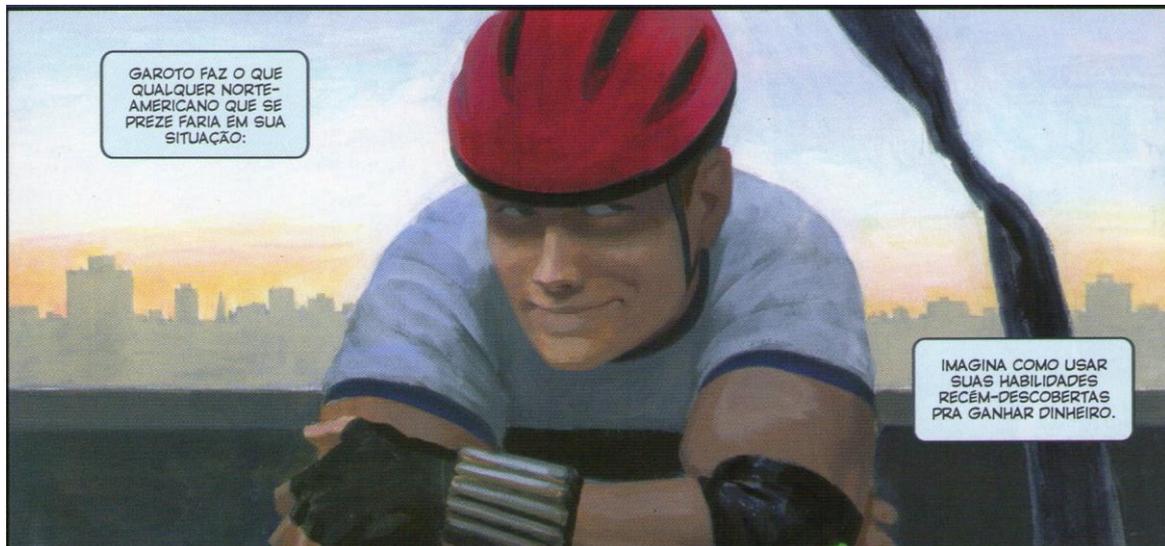


Figura 1 – Cotidiano escolar de Peter Parker

Fonte: JENKINS e RIVERA, 2009, p.132

## O anti-herói

O quadrinho abaixo procura retratar a conclusão de Peter, acerca do típico comportamento americano frente ao poder: imaginar uma forma de usá-lo para ganhar dinheiro.



**Figura 2 – Peter Parker, o modelo norte-americano**

**Fonte: JENKINS e RIVERA, 2009, p.141**

Depois de perceber a potência das suas habilidades, o primeiro pensamento de Peter Parker corresponde a um traço de anti-heroísmo: o egoísmo. Ele pensa como pode utilizar as suas habilidades para ganhar dinheiro, ou melhor, agir em benefício próprio. O quadrinho acima, que apresenta o texto “faz o que qualquer norte-americano que preze faria em sua situação”, revela, a partir de uma generalização, o comportamento padrão capitalista. O fato de a editora Marvel conservar os nomes originais das localidades (cidades, estados e países) é bastante oportuno, já que facilita a projeção da realidade na fantasia.

A narrativa da HQ caminha para a conversão do Homem-Aranha em uma mercadoria exótica do *show business*. Astro de um programa de televisão, o Aranha entretém as famílias nova-iorquinas. A lógica do lucro fica bastante evidente. As habilidades são consideradas somente como ferramentas para lucrar ou assegurar a lógica do lucro.

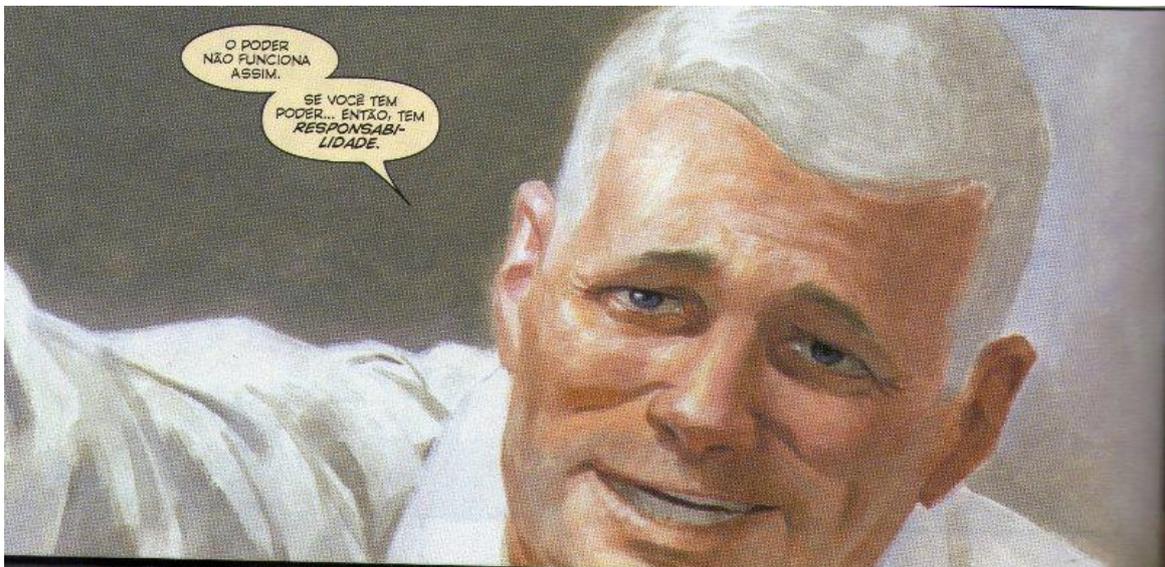
Agora, o jovem estudante tem condições financeiras melhores; sua família pode consumir mais produtos e serviços. Quem sabe tio Ben e tia May até viajem para o Havaí. A vida dos Parker nunca pareceu tão boa. O Homem-Aranha encarna a postura

calcada no individualismo do sistema capitalista: enquanto ele e a sua família estiverem bem, tudo está bem.

O ápice da atitude egoísta ocorre quando o Aranha assiste a um ladrão desarmado passar correndo do seu lado. O policial exausto, que perseguia o bandido, indaga por que o superpoderoso não segurou o fugitivo. A justificativa rancorosa do Homem-Aranha está na linha “cada um que cuide dos seus problemas”, porque quando ele precisou ninguém ajudou.

Entretanto, os acontecimentos posteriores surgem para apagar parte da mentalidade anti-heroica do Aranha. Ao chegar à casa dos Parker, Peter enxerga viaturas policiais. Tio Ben fora vítima de um latrocínio por reagir ao assalto. Os policiais informam que já haviam cercado o malfeitor em um armazém. Transtornado, o jovem encarna o Homem-Aranha e parte à procura do criminoso. Quando o encontra, percebe que o assassino do seu tio é o homem que deixou escapar horas antes.

O Aranha, como um deus todo poderoso, agarra o malfeitor e ameaça jogá-lo do alto do armazém. Ele tem o poder; mas também a responsabilidade (figura 3). Portanto, decide poupar a vida do assassino e o entrega para a polícia. Peter Parker abandona o egoísmo e mergulha na culpa. Para o Homem-Aranha pensar em combater os criminosos, precisou vivenciar uma situação de perda causada por uma atitude criminosa.



**Figura 3 – Tio Ben**

**Fonte: JENKINS e RIVERA, 2009, p.134**



Consoante às conclusões de Dorfman e Mattelart (1978), deve-se perceber a existência de criminosos como fruto das desigualdades sociais e não uma questão maniqueísta. “O maniqueísmo cumpre o papel de ofuscar as relações sociais que geram as ações humanas e as autonomizam, tornando-as produtos da maldade ou bondade inatas”. (VIANA, 2005, p.24). Na HQ, o contexto que levou o indivíduo a cometer o crime é pouco explorado ou fica restrito à ganância.

Imerso na tristeza de ser o responsável indireto pela morte do homem que o criou, Peter Parker procura a redenção ao combater os malfeitores. O jovem estudante recorre ao seu alter ego, o Homem-Aranha, para percorrer o seu caminho. Peter só entra em ação com as vestes do Aranha, porque precisa ocultar a sua identidade — a fim de preservar as pessoas que ama — e evocar a temida imagem do super-herói aracnídeo. Tais vestes são como “uma espécie de ornamentos sagrados de que o herói se rodeia para efectuar a sua missão” (MARNY, 1970, p.124).

O “Amigão da Vizinhança” está sempre lutando, mas o mal surge e ressurgue de todos os lados. Não há trégua. Os maldosos recebem a punição e o público fica satisfeito. Uma das conclusões possíveis é que, mesmo sendo superpoderoso, ele não consegue resolver o problema. Como se resolve a criminalidade? Basta espancar o bandido?

Além da jornada de redenção, o jovem Parker também tem necessidades de sobrevivência e ambições de consumo. Para consolidá-las, ele precisa do dinheiro. Inicialmente, Peter possui duas formas de renda: uma bolsa de pesquisa e o trabalho de fotógrafo *freelancer*. A segunda maneira é a mais curiosa. Antes dos combates protagonizados pelo Homem-Aranha, o personagem posiciona câmeras fotográficas em pontos estratégicos para captar a ação. Posteriormente, ele vende as fotos sortidas ao Clarim Diário, que pertence ao truculento John Jonah Jameson Jr. (JJJ). Isto é, até no exercício de uma atividade heroica motivada por culpa e redenção pelo altruísmo, há a lógica do lucro. Além disto, percebemos aí a também a lógica da midiáticação: não basta a ação heroica, mas é preciso que esta seja registrada e publicizada nas páginas dos jornais. O personagem converte-se, assim, em produto midiático ainda no contexto da cena narrativa.

A constatação da presença e atuação de meios de comunicação inseridos no universo HQ — o Clarim Diário, por exemplo — oportuniza analisar como o Homem-Aranha é representado na própria publicação. O Clarim Diário possui a maior participação na história, porque um dos seus funcionários é Peter Parker. A postura do



Clarim opõe-se aos super-heróis, especialmente ao Aranha. O dono do jornal, JJJ, detesta o superpoderoso, mesmo sendo salvo centenas de vezes pelo Homem-Aranha.

O jornalismo parcial responde aos interesses do proprietário da publicação. A imprensa tem teor sensacionalista e em várias ocasiões distorce os fatos para colocar o super-herói como supervilão. Nem mesmo o Homem-Aranha escapa da parcialidade dos meios de comunicação.

### **O super-herói: o mito esvaziado**

Viana (2005) define super-herói como o personagem dotado de capacidades além do alcance humano, que existem paralelamente a outros seres superpoderosos (antagonistas e aliados) para haver as condições de desenvolver a contextualização da superaventuras. O Homem-Aranha detém características sobre-humanas, contudo não se encaixa totalmente nos valores míticos atribuídos aos seres heroicos: “O herói é aquele que participa corajosa e decentemente da vida, no rumo da natureza e não em função do rancor, da frustração e da vingança pessoais” (CAMPBELL, 1999, p.69). Apesar de renunciar à vingança pessoal ao poupar a vida do assassino de seu tio, Peter Parker ainda está preso à frustração dada pela culpa.

No entanto, o Homem-Aranha possui uma natureza mitológica acompanhada por elementos que constituem a sua época de manifestação. De acordo com Marny, “O herói é a *cristalização* de necessidades e tendências, de fantasmas próprios de uma determinada época” (MARNY, 1970, p.129). O super-herói aracnídeo conquistou a idolatria de milhares de adeptos que se sentiram representados por ele. Consoante ao pensamento de Campbell (1999) sobre mitologização, o Homem-Aranha foi mitologizado, a partir do instante que se tornou modelo de vida para os outros: tornou-se uma celebridade.

Quando o “Amigão da Vizinhança” é convertido em um exemplo, as suas características axiológicas são abstraídas pelo público. Isto porque “implícita ou explicitamente, as histórias revelam o comportamento dos personagens, que é absorvido pelo leitor”. (LUYTEN, 1991, p.227).

Assim como na Disneylândia, criticada por Dorfman e Mattelart (1978), as etapas de produção são ignoradas e as contradições minimizadas. Lá não existem operários, há apenas prestadores de serviço e consumidores. O “mundo do Homem-Aranha” também não aprofunda a questão das desigualdades socioeconômicas. As relações sociais acabam superficializadas em detrimento dos combates eternos entre mocinhos e bandidos.

O leitor consome suas próprias contradições lavadas, o que lhe permite, já de volta ao seu mundo habitual, seguir interpretando esses conflitos desde a limpeza que o faz sentir-se como uma criança frente a vida. Ele entra no futuro sem ter resolvido os problemas de agora. (DORFMAN E MATTELART, 1978, p.97).

As HQs trazem a sensação de que o tempo nunca passa. O espaço muda, mas o tempo não o acompanha. As ações se repetem *ad infinitum*. Os combates entre super-heróis e supervilões nunca têm fim. Os personagens conservam a sua aparência etária durante centenas de edições. Conforme Marny (1970, p.125) “o que é próprio das narrativas míticas é precisamente o actualizar o acontecimento que se conta, situando-o num tempo que não pertence à história”.

Campbell (1999) acredita sobremaneira no poder pedagógico do mito. Se a narrativa mitológica está esvaziada, a aprendizagem fica distorcida, logo, se cria a dificuldade de aplicar as lições de maneira íntegra na transformação da realidade concreta. Nesse sentido, “os homens não participam deste paraíso fantástico através da sua concretização, mas por meio de sua abstração”. (DORFMAN E MATTELART, 1978, p.98).

Por outro lado, o super-herói também representa os ideais de libertação das opressões. O pensamento é genérico, mas aproveitável. Se o ideal libertário for exposto a uma conjuntura rasa e desfavorável à contradição, serve apenas como simples distração que dificulta o aproveitamento do público para subverter as barreiras do sistema. A força subversiva seria engolida e aproveitada pelo poder dominante, como se a liberdade fosse o devaneio e nada mais.

O Homem-Aranha é o mito ou o sonho? “O mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado” (CAMPBELL, 1999, p.41). A reflexão de Campbell (1999) entende que cada pessoa tem o seu mito e a sua jornada. Caso o sonho do indivíduo se assemelhasse ao da sociedade, ele estaria sintonizado ao grupo. Porém, se diferir, a aventura começa. O sonho axiológico respira mediante a competição, o individualismo e a busca do dinheiro para consumir cada vez mais. Os valores capitalistas pressionam a sociedade para a lei da selva, onde só os mais fortes sobrevivem. O preço da sobrevivência é a mutilação da liberdade, porque o “fortalecimento” demanda fazer “as escolhas necessárias”. Como assinala o aforismo: “tempo é dinheiro”.

O mito privado do indivíduo é a liberdade de buscar a sua felicidade mesmo diante do sistema retalhador; mas para seguir o seu sonho, conforme Campbell (1999,



p.42), “a aventura o aguarda na densa floresta à sua frente”. Este autor diz ainda que a “façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade” (CAMPBELL, 1999, p.132). O super-herói cumpre o papel de preencher as lacunas deixadas pelo sistema. No caso do capitalismo, o preenchimento é o combate ao crime gerado pelas desigualdades sociais e a ruptura das limitações da liberdade.

Quando não tem a possibilidade ou desiste de ir contra os padrões axiológicos, a possibilidade de encontrar a sua aspiração realizada está na fantasia. Para Viana, “o processo de burocratização e mercantilização das relações sociais no capitalismo cria a necessidade, através de fantasia, de superar a prisão que se tornou a vida social e conquistar uma liberdade imaginária para compensar a falta de liberdade real” (VIANA, 2005, p.41).

### **Considerações Finais**

A complexidade de analisar a jornada de um super-herói encontra-se nos numerosos conflitos em que ele está imerso. Especificamente, o Homem-Aranha é composto por contradições próprias dos jovens. O público enxerga um personagem que vive dilemas próximos aos seus. Aprende que o poder traz uma responsabilidade de pressão sobre-humana. Mas também, este público, recebe a incidência de valores axiológicos, capazes de simplificar a realidade socioeconômica de maneira perniciosa.

Os super-heróis, dentre eles o Homem-Aranha, representam a possibilidade de se libertar das limitações físicas e psicológicas. Contudo, as suas próprias ações de liberdade estão incorporadas no sistema capitalista. Os superpoderosos parecem estar no mar, mas ainda estão no aquário. A redoma de vidro conhecida como capitalismo.

Como assinala Marny (1970, p.130), “um herói não nasce por acaso”, isto é, existe uma demanda do público. A análise do papel e da influência dos super-heróis permanece necessária, porque a sociedade muda e os quadrinhos também. Não há um fim, mas um percurso. Assim, torna-se importante perceber a relação dos meios de comunicação com a sociedade, a fim de compreender os meandros da produção de conteúdos midiáticos: “Para existir histórias em quadrinhos é necessário existir meios de produção (tecnologia de reprodução em massa, por exemplo) e distribuição de histórias em quadrinhos, bem como mercado consumidor”. (VIANA, 2005, p.41).



Esta análise é um contato inicial com a complexidade dos super-heróis das histórias em quadrinhos. O objeto demonstra enorme potencialidade de análise e carece de aproximação gradual, a fim de obter cada vez uma compreensão melhor.

### **Referências bibliográficas**

CAMPBELL, Joseph; FLOWERS, Betty (org) ;MOYERS, Bill (org). **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1999.

CAMPBELL, Joseph; COUSINEAU (org). **A jornada do herói**. São Paulo: Agora, 2003.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

JENKINS, Paul; RIVERA, Paolo. **Mitos Marvel**. Barueri: Panini Comics, 2009.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **O poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias aos quadrinhos**. Porto: Civilização, 1970.

MARVEL. **Characters**: Spider-Man. Disponível em:

< <http://marvel.com/characters/bio/1009610/spider-man>> Acesso em: 17 abril. 2012.

VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.